



**XII CONAGES**  
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## **UMA ANÁLISE TEÓRICO-EMPÍRICA DA CATEGORIA PARENTALIDADE E DAS ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS NO CONTEXTO FAMILIAR DAS CAMADAS POPULARES**

Kelma Lima Cardoso Leite

*Faculdade Grande Fortaleza – FGF*

*kelma.leite@hotmail.com*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma análise à luz da teoria ecológico-sistêmica da categoria parentalidade e das estratégias educativas estabelecidas no contexto familiar da camada popular. Os conceitos de valores, metas e práticas educativas foram escrutinados com a finalidade de descrever e perscrutar as interconexões destes no processo educativo a partir de uma pesquisa empírica realizada junto a pessoas de baixa renda. Partimos do pressuposto de que a maneira de pensar e a maneira de instigar o desenvolvimento e a educação das crianças e adolescentes são erigidas na relação com o contexto socioeconômico-cultural no qual as famílias estão inseridas. Inferimos que é fulcral refletir nas idiosincrasias do meio em que vivem as famílias de baixo nível socioeconômico, pois elas reverberam nos parâmetros de interação que são tecidos entre os seus membros.

**Palavras-Chaves:** Parentalidade, Estratégias Educativas, Valores, Metas, Camadas Populares.



## INTRODUÇÃO

Situações vividas durante pesquisa de campo para redação de minha tese de doutorado foram decisivas para a construção deste trabalho. Após receber autorização de Deusa para gravar suas falas solicitei que ela me falasse de sua vida começando de onde achasse melhor.

Uma narrativa advinda de um tempo vivido compreendendo redes de relações condizentes ao processo educativo de socialização pelo qual ela foi submetida na infância veio à tona. Lembranças de quando criança, ancoradas na representação da família nuclear marcaram suas entrevistas. Suas narrativas ainda apontaram claramente para um modelo de família bastante intimista, “agindo e circulando no espaço delimitado do privado, ao qual se opõe o espaço público” (ALMEIDA, 1987, p. 57).

Corroborou para tal realidade, o fato de Deusa ter sido criada até os treze anos de idade no sertão que ela própria denominou de “brabo”, isolada de tudo e de todos, convivendo apenas com os pais agricultores e quatro irmãos, dois deles mais jovens do que ela.

O conteúdo das entrevistas de Deusa permite afirmar que o processo educativo ao qual ela foi submetida se sustentou em valores específicos transmitidos, sobretudo, por sua

mãe que esperava dela total adesão e incorporação.

Assim, o objetivo deste trabalho é evidenciar o potencial coercivo e complexo da função parental de educar os filhos. Parto da premissa de que as famílias constituem contextos de socialização primários e, exercem, portanto, um papel preponderante no comportamento e desenvolvimento dos indivíduos (BAUMRIND, 1991; PARKE & BURIEL, 2006; HERNANDEZ, RODRÍGUEZ, & ZAMORA, 1998; MACCOBY, 1984; SMITH, 1982).

Vale ressaltar que as categorias parentalidade, educação e família foram problematizadas à luz da teoria Ecológico-Sistêmica, que possibilitou a descrição e compreensão dos valores e metas envolvidos no processo de escolha das estratégias educativas utilizadas por D. Rosalina, mãe de Deusa, no contexto familiar da camada popular.

## METODOLOGIA

Minha intenção ao perscrutar os acontecimentos de ordem familiar considerados por Deusa significativos, era delinear as estratégias de educação utilizadas por sua mãe que reverberaram no seu desenvolvimento e comportamento.



Logo, o resgate de sua trajetória de vida por meio de narrativas foi identificado como a estratégia metodológica mais pertinente. Com a transcrição do conteúdo das entrevistas em mãos, inferi que a primeira coisa a considerar era a indispensável convergência entre a técnica história de vida utilizada para coletar a realidade empírica e o método sociológico de interpretação de tal realidade.

A técnica história de vida necessita da complementação de outras fontes, pois “mesmo os maiores entusiastas da história de vida, reconhecem que a utilização única da técnica, resulta em trabalhos limitados”.

Deste modo, as narrativas de Deusa, que constituem a realidade concreta inexaurível, foram retiradas da condição caótica e obscura, imediatamente oferecida aos meus olhos, mediante fontes teóricas que compõem as categorias interpretativas do pensamento científico acerca da parentalidade, educação e família.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante certa entrevista Deusa salientou que seu pai sempre viveu a sombra da esposa e nunca reivindicou para si o direito de decidir sobre assuntos quer de fórum público ou privado. Neste sentido, pode-se afirmar que se havia na família em que Deusa nasceu e cresceu uma ética dominante característica do

modelo patriarcal regendo a relação entre marido, esposa e filhos, esta ética se objetivou, paradoxalmente, na figura materna e não paterna.

Em primeira e última instância, quem decidia sobre assuntos internos e externos a casa (decisões relacionadas à criação dos filhos e finanças, mudança de residência do interior para a cidade ou mesmo de um bairro para outro) era D. Rosalina. Raramente Sr. Raimundo opinava. A figura feminina tanto reinava no lar como fora dele.

Que devido os problemas de saúde e dificuldades para encontrar emprego, Sr. Raimundo não tinha condições de arcar com as responsabilidades financeiras da família. D. Rosalina que, segundo Deusa, era costureira de mão cheia é quem se encarregava disso. Assim,

A organização doméstica baseada na divisão tradicional de papéis, sendo o homem o provedor econômico e a mulher a cuidadora da casa, dos filhos e do marido, aparece muito mais como um ideal a ser perseguido do que como uma realidade vivenciada [...], já que cada vez mais é a mulher quem se encarrega do sustento das famílias. (BEM; WAGNER, 2006, p. 68)

No caso de Deusa, sua mãe, D. Rosalina, ocupava a posição tanto de cuidadora como de provedora. Visto que a autoridade na família era exercida informal e formalmente por D. Rosalina, ela ditava o que os filhos podiam ou não fazer através de um treinamento educativo que consistia em



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

inculcar os valores e regras que deveriam orientar comportamentos e usos do corpo. Entre as coisas proibidas e vigiadas figurava o namoro e a masturbação. Deusa disse que era como se seu corpo fosse propriedade de sua mãe e ela o vigiava com o objetivo de impedir que alguém o tocasse ou explorasse.

Na ocasião de nosso segundo encontro Deusa relatou algo que alterou significativamente a relação que sua mãe mantinha com os filhos e a própria configuração familiar. Quando Deusa completou treze anos de idade, ela, os pais e os irmãos deixam o sertão nordestino para vir morar em Fortaleza. Depois de vir morar na capital cearense, D. Rosalina começou a acolher em casa, parentes advindos do interior e uma senhora carente com os dois filhos pequenos. A família de restrita (pai, mãe e filhos), torna-se extensa (agrega a parentela), resultando num déficit da atenção que D. Rosalina dispensava aos filhos.

A partir desta relação das práticas educativas com o contexto social, cultural e econômico, Bem e Wagner afirmam que

Ainda que tenha havido uma redução das famílias numerosas entre os setores de baixa renda, especialmente os urbanos, o arranjo doméstico mais comum ainda é deste tipo, no qual existe mais de um núcleo familiar ou inclusão de outros parentes (como avós, tios, primos). (BEM; WAGNER, 2006, p. 68)

Assim, durante parte da infância e adolescência Deusa viveu no seio de uma família cujos sujeitos estavam ligados pelo sangue e pela solidariedade. D. Rosalina acolhia em Fortaleza, parentes e amigos advindos do interior que não tinham onde morar.

Circunstâncias e contexto de vida diferente permitiram que Deusa alargasse os laços sociais, fizesse amizade com meninas da sua idade e namorasse escondido os rapazes da capital, adquirindo assim maior autonomia. Longe do alcance do olhar vigilante da mãe ela conta:

Aos quatorze anos eu namorei escondido com quem eu bem queria namorar. Fui, assim... (pausa) intermediária pra uma colega, porque a família não queria que ela namorasse um certo cara e eu acabei que fiquei com ele. Foi ele que me passou pra frente, vamos dizer assim (informação verbal).

Memórias de um tempo vivido trouxeram à tona outras representações concernentes à sexualidade e ao corpo. Depois de expressar-se com as palavras anteriormente transcritas ela disse que as amigas da cidade pensavam bem diferente de sua mãe. Era como se namorar fizesse parte de um rito de passagem importante naquela idade, quando o corpo passava por transformações novas.

Ela lembra que, apesar de magrinha, os seios cresciam consideravelmente e a

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

menstruação vinha regularmente. Deusa e as amigas de sua faixa etária vivenciavam a puberdade, ou seja, etapa fisiológica em que a mulher adquire a capacidade para procriar.

Somando-se as mudanças físicas e biológicas ocasionadas pela puberdade, Deusa vivenciava fenômenos psíquicos e sócio-históricos igualmente novos, cujas manifestações variam em função da cultura, época, local, e da própria pessoa. Que possibilidades sócio-históricas eram oferecidas ao corpo das adolescentes na década de 70?

A revista Realidade de circulação nacional, responde esta questão no artigo publicado em 1970 e intitulado: “O Corpo é o refúgio onde os jovens querem achar sensações novas. É a Revolta contra a Alma”. Neste, o autor Paulo Francis discute a mudança radical dos costumes, a liberdade sexual, que envolve relacionamentos e maneira de se comportar diante do sexo oposto. As mulheres, mesmo as adolescentes, têm mais liberdade e se sentem mais à vontade para falar de sexo e prazer.

Obviamente, a apropriação destes valores não ocorreu na mesma intensidade em todas as camadas sociais. Havia uma recepção mais positiva nas classes abastadas e pobres da sociedade urbana quando comparada,

respectivamente, as mesmas classes da sociedade rural.

Outro ponto importante a considerar é a descrição de Deusa sobre a própria personalidade. Ela recorda que aos treze anos já se considerava a ovelha negra da família, pois seu temperamento era bem mais forte e difícil de domar do que os de seus irmãos. Ela conta que gostava de ir contra as regras e quanto maiores eram as imposições, maior era a sua vontade de transgredi-las.

Neste momento da entrevista ela relembra uma música da década de 70 que definia o que ela sentia quando adolescente e começou a cantar Ovelha Negra da Família, composta e interpretada por Rita Lee:

Levava uma vida sossegada. Gostava de sombra. E água fresca. Meu Deus! Quanto tempo eu passei, sem saber! Foi quando meu pai me disse: "Filha, você é a Ovelha Negra da família" Agora é hora de você assumir. Baby, Baby não adianta chamar. Quando alguém está perdido, procurando se encontrar. Baby Baby, não vale a pena esperar. Oh! Não! Tire isso da cabeça. Ponha o resto no lugar. Não!

Realmente, enquanto morava no sertão “brabo” do nordeste cearense, Deusa “levava uma vida sossegada” e até os doze anos de idade, residindo numa região geográfica marcada por valores mais tradicionais e conservadores do que aqueles difundidos na capital cearense, em meados da década de 70



vivia “sem saber” o quanto era diferente do resto da família.

Ao chegar à Fortaleza encontrou um cenário no qual poderia atuar de modo diferente do exigido pela mãe. Assim, não foi o pai que lhe disse: “Filha, você é a Ovelha Negra da Família”. Quem fez isso foi D. Rosalina. Mas, Deusa estava perdida, “procurando se encontrar” e na sua concepção não valia a pena seguir as regras estabelecidas pela genitora.

Foi exatamente neste contexto psíquico-histórico-social que Deusa, na flor da juventude, começou a namorar escondido com “quem bem queria” e deu vazão aos desejos sexuais. Na capital cearense ela passou a agir transgressoramente, entretanto, disse que tinha medo de contar pra sua mãe que seu corpo não era mais como antes:

Eu sofri muito na época. (olhar pensativo, tristonho). Porque eu tive medo de contar pra minha mãe. Como é que eu ia dizer pra minha família que não era mais virgem? (pausa). A minha sorte é que eu não fiquei grávida, né? Não engravidei. Mas foi assim uma coisa traumatizante porque a minha mãe acabou sabendo (informação verbal) .

Por mais paradoxais que possam parecer às atitudes e temores de Deusa, é bom lembrar que, assim como o social, o indivíduo nunca é unívoco, sempre é múltiplo, ambíguo. Todo transgressor experimenta uma alta taxa

de adrenalina antes de quebrar regras instituídas.

Nesta perspectiva, é totalmente compreensível a coragem para transgredir e o medo que Deusa tinha de contar pra sua mãe que seu corpo, vigiado e protegido, havia sido violado: ela não era mais virgem. Tanto no âmbito social como individual tradição e modernidade caminham juntos, “uma vez que o imaginário e às vozes sociais encontram-se mesclados com valores antigos e novos, influenciados por muitas variantes”.

A mesma sociedade que promulgava, no decorrer da década de 70, o discurso da medicina sexual liberal com status de verdade hegemônica, discurso este que inebriava Deusa e as colegas de sua idade, da mesma forma estimulava por meio de algumas instâncias de poder (religiosas, médicas e pedagógicas), bons homens e mulheres de plantão, a exemplo de D. Rosalina, a vigiar o corpo e a sexualidade dos jovens visando a já discutida disciplina absoluta.

Segundo Deusa, coube a D. Selene, uma vizinha “fofoqueira que vigiava a vida de todo mundo”, a revelação de seu segredo a D. Rosalina. A vizinha ultrapassou o muro imaginário que protegia a intimidade e privacidade de Deusa, tanto que ela até hoje não sabe explicar como D. Selene tomou



conhecimento do que ela havia feito às escondidas.

Porém, de acordo com as palavras da própria Deusa, D. Selene “vigia a vida de todo mundo”, conseqüentemente, era o olhar dela que estava no controle, vigiando, classificando e estabelecendo o desequilíbrio no par ver/ser visto. De fato, geralmente o olhar que vigia fora do âmbito familiar não é facilmente identificável, pois ele si dilui, tornado-se, assim, invisível .

Outrossim, Sanches, Parra e Melo (1999, p. 75), citando Foucault, mostram “como o olhar, e com ele as práticas disciplinares, têm papel fundamental na construção das normas de comportamento” . À medida que a sociedade moderna reivindica a liberação dos prazeres sexuais, a força do controle sobre o corpo se torna cada vez mais sutil, eficaz e permanente.

Este olhar que esquadrinha para disciplinar eficazmente, corpo e comportamentos foi interiorizado por D. Selene, que ao convencer D. Rosalina a levar Deusa ao IML para realização de exame de corpo e delito, comprovou o quanto o indivíduo pode ser agente de reprodução do poder que disciplina.

Depois de realizado o exame e declarada à ruptura do hímen, Deusa narra o que aconteceu:

Minha mãe foi até o quartel do exército onde o rapaz que tirou minha virgindade servia pra obrigar ele a casar comigo. Mas chegando lá a gente descobriu que ele era casado com outra. Aí no meu caso, não se podia realmente fazer nada. Se ele não fosse casado ele tinha realmente de casar comigo. Mas, como é que a pessoa ia se casar obrigado? Enfim, aí depois a mamãe disse que não me tinha mais como filha, que eu era sem vergonha. Todo mundo dizia: “- Ela não vale é mais de nada. Não vale mais nada”. As pessoas diziam também: “- ela não é mais moça, agora se acha dona do nariz e pensa que pode fazer o que quiser” (informação verbal) .

D. Rosalina não obriga a filha a procurar um clérigo para confessar seu erro e obter a penitência apropriada para perdão do pecado cometido, pelo contrário, a conduz ao IML para confessar suas práticas a um corpo médico especializado. Ora, o que parece contraditório é totalmente explicável. Lima acentua que o discurso da igreja sobre o corpo e a sexualidade foi em parte apropriado pela medicina.

De fato, a prática do exame de corpo e delito com o fim de detectar ou não a ruptura do hímen numa jovem de quatorze anos e todo o interrogatório médico peculiar a esta situação – O que você fez? Ele colocou o quê dentro de você? Como ele fez isso e aonde? O que você sentiu? – ratifica o quanto a pratica



médica é herdeira não só dos discursos teológicos, mas, especialmente, das técnicas da confissão cristã. Daí, a eclosão de uma coisa que poderia se julgar improvável:

uma ciência-confissão, ciência que se apoiava nos rituais da confissão e em seus conteúdos, ciência que supunha essa extorsão múltipla e insistente e assumia como objeto o inconfessável-confesso (FOUCAULT, 1988, p. 63).

Esse discurso de verdade construído no âmbito da ciência produziu e produz sanções corretivas tanto quanto o discurso religioso. Tais sanções são passíveis de serem aplicadas àqueles que insistem em ultrapassar a linha tênue que divide o normal do patológico.

Deusa ao ceder o desejo de praticar sexo aos quatorze anos com um homem bem mais velho, sem estar devidamente casada com ele, ultrapassou a linha do normal. Se sua atitude não era registrada como pecado, facilmente poderia ser registrada no domínio do patológico, o que ainda assim não a isentava de medidas corretivas.

Nesta perspectiva, pode-se afirmar que casar virgem era uma regra imposta as mulheres nas décadas de 1960 e 1970 que funcionava como um código de conduta ancorado ao mesmo tempo em valores religiosos e seculares. Rodrigues discorrendo sobre o código afirma que ele é

Um orientador da conduta dos indivíduos, não basicamente porque estes o vejam como agradável, fácil ou eficaz, mas porque eles o consideram adequado e justo. Em virtude das tipificações de procedimento que gera, o impacto desse código de ação sobre os indivíduos é o de produzir obrigações e expectativas, cujas transgressões merecerão ser sancionadas negativamente (2006, p. 37).

Deusa narra com voz embargada e olhos lacrimejados os tipos de sanções que lhe foram dirigidas, reflexos dos códigos de conduta maternos infringidos:

Eu passei momentos que pra minha mãe era como se eu não existisse dentro da casa. Na hora da refeição ela não colocava a minha comida, ou quando botava não me chamava. Eu tinha meus dois irmãos jovens, crianças ainda, eram os dois caçulas, eles bagunçavam a minha comida e aí eu era assim massacrada por ela e pelos outros. Pra mim extravasar minha raiva eu xingava o menino de uma senhora que morava com a gente e dava com a chinela nele. Minha mãe viu isso e jogou um pau em mim que não quebrou minhas pernas porque eu pulei. Quando eu pulei o pau passou por debaixo e a mocinha da casa vizinha gritou: “- não faça isso que você vai quebrar as pernas da sua filha”. Eu era bem magrinha, dessa finura (mostrou o dedo indicador), com quatorze anos eu era bem magrinha. Eu já tinha essa minha estrutura de altura, mas era bem fininha, só os meus seios que estavam ficando enormes. Eu acho que eu pesava uns trinta e oito quilos, quarenta talvez estourando. Então eu fiquei na casa dessa vizinha, mas eu nunca sai definitivamente da casa dos meus pais, mas era aquela coisa excluída. Teve uma vez que eu fui tomar a benção a ela, isso me marcou muito, ela disse que eu não tomasse mais a benção a ela porque ela não me tinha mais como filha. E aí eu fiquei sem tomar a benção a ela e por conta disso eu fiquei sem tomar a benção ao meu pai, que



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nunca me recriminou, também nunca disse: - “você é safada, você é sem vergonha, você não é mais minha filha”. Meu pai era na dele. Mas eu tive muita desarmonia com a minha mãe, muita desarmonia mesmo (informação verbal).

Contudo, as sanções punitivas só contribuiriam para que Deusa se tornasse ainda mais rebelde e “mal criada”. Ela diz que aos quinze anos era uma adolescente revoltada que não aceitava o modo de pensar e as regras impostas pela mãe. Em decorrência dos intensos conflitos, D. Rosalina permite que a filha viaje para o Rio de Janeiro a fim de trabalhar em casas de família.

Inquestionavelmente, havia um nítido conflito de gerações que se expressava, sobretudo, “naquilo que uma crítica americana, Mariana Hirsch (1989), chama de matrofobia, para qualificar os ataques das filhas contra suas mães”. Tal desencontro entre mãe e filha foi explicado, em parte, através de uma pesquisa realizada com três gerações de uma mesma família que abrangia os membros nascidos entre 1910 e 1920 (avós), em 1940 (pais) e entre 1960 e 1970 (filhos), onde percebeu-se que:

A geração intermediária se considera mais próxima de seus filhos do que de seus pais, enquanto a geração mais velha, ao contrário, se diz mais próxima de seus pais do que de seus filhos. Isso significa que os conflitos que opuseram estas duas gerações ao longo dos anos 1960 criaram uma distância irreduzível entre elas. Esta distância é maior entre as mulheres.

Sem dúvida, a ruptura do processo de identificação entre mães e filhas foi a condição do sucesso do movimento de liberação das mulheres nestes anos decisivos (ATTIAS-DONFUT, 2004, p. 102)

## CONCLUSÕES

É consenso entre muitos pesquisadores interessados em entender as peculiaridades das famílias brasileiras a premissa de que dentre “as tarefas que compõem a função parental, provavelmente a educação dos filhos seja a mais complexa” (BEM; WAGNER, 2006, p. 64).

A discussão dos resultados desta pesquisa tornou evidente que o processo educativo envolvendo D. Rosalina e Deusa, mãe e filha de uma mesma família da camada popular, alicerçou-se em determinados valores que a genitora transmitiu e procurou internalizar na sua descendente.

Esta transmissão que se dá de geração a geração é essencial, pois, conforme Rokeach (1973) já assinalava na década de 1970, os valores orientam, são guias e determinantes do comportamento, sendo fundamentais para entender o modo como as pessoas situam-se perante si mesmas e os demais. Sendo assim, as relações interpessoais que o indivíduo passa a estabelecer ao longo da vida também são decorrentes desse processo. Dessa forma, pode-se observar que pais e mães procuram agir para que seus filhos adquiram os valores familiares, ainda que não o façam de forma consciente (BEM; WAGNER, 2006, p. 64)

Todavia, D. Rosalina além de aspirar à incorporação de certos valores por parte de seus filhos, sobretudo, Deusa, também

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



estabeleceu como prioridade a tarefa de orientar aos mesmos algumas qualidades que deveriam ser demonstradas no cotidiano, ou seja, um cabedal de metas parentais.

Na tentativa de uma definição mais afinada, Tornaria, Vandemeulebroecke e Colpin (2001) sustentam que os valores são os aspectos mais abstratos das metas educativas e se referem a características que têm alto grau de estabilidade. Já as metas seriam as condutas que os pais pretendem alcançar em uma situação educativa específica, apoiadas por um(ns) valor(es). [...] Nessa perspectiva, então, um valor é o que embasa, sustenta e direciona uma meta, pois, conforme Schwartz (1992, 1994), os valores são conceitos ou crenças que guiam o comportamento das pessoas, mas transcendem situações específicas. A meta é mais concreta e está presente nas estratégias educativas que os pais e mães utilizam para alcançar o que desejam para seus filhos. (BEM; WAGNER, 2006, p. 64)

Visando a inculcação de valores morais austeros que implicassem num comportamento sexual contido e casto, D. Rosalina abraçou algumas estratégias educativas.

Hoffman (1975, 1994) define duas categorias de estratégias educativas: as indutivas e as coercitivas. As estratégias indutivas caracterizam-se por práticas que indicam à criança as consequências do seu comportamento para as outras pessoas, fazendo-a refletir sobre os aspectos lógicos da situação. [...] Já as estratégias coercitivas envolvem técnicas disciplinares que utilizam a aplicação de força e poder dos progenitores, incluindo punição física, ameaças e privação de privilégios e afetos. (BEM; WAGNER, 2006, p. 64)

As narrativas de Deusa permitem afirmar que D. Rosalina tomou como referência o modelo de estratégias educativas coercitivas. O comportamento tomado como promíscuo e devasso de Deusa desencadeou a aplicação de força e poder. As agressões físicas e verbais se tornaram recorrentes e o desprezo, ou seja, privação do afeto, uma máxima.

Outra categoria conceitual que a ajuda a compreender os construtos dos diferentes tipos de estratégia educativa é a denominada como estilos educativos.

Podemos, então, definir estilos educativos como tendências relativamente estáveis através das quais as pessoas reagem em uma situação pedagógica com uma determinada conduta (ou prática) específica dirigida à criança. Assim, entendemos que o estilo implica em mais do que uma conduta: é o conjunto de determinadas condutas. Desta forma, o estilo e a prática educativa estão normalmente associados, uma vez que o conjunto das práticas vai formar o estilo parental (BEM; WAGNER, 2006, p. 65).

As pesquisas de Baumrind (1965, 1971) acerca dessa temática proporcionou a definição de três estilos educativos: autoritário, democrático e permissivo.

No estilo permissivo há pouco controle parental, os pais e mães usam poucos castigos e se mostram tolerantes, tendendo a aceitar positivamente os impulsos da criança e deixando-a regular suas atividades; no entanto, geralmente são afetivos, comunicativos e receptivos com seus filhos. O estilo autoritário é



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

característico de pais e mães que possuem altos níveis de controle. Eles mantêm um controle restritivo e impositivo sobre a conduta dos filhos, fazendo uso de castigos físicos, ameaças e proibições. Exercem níveis altos de exigência, não levando em consideração as necessidades e opiniões da criança e mantendo pouco envolvimento afetivo. Tendem a enfatizar a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, além de não valorizarem o diálogo e a autonomia. No que se refere ao estilo democrático, há um equilíbrio entre afeto e controle. Os pais reconhecem e respeitam a individualidade dos filhos, tendem a promover os comportamentos positivos do filho mais do que restringir os não desejados, mas deixam claras as normas e os limites, caracterizando um controle-guia. (BEM; WAGNER, 2006, p. 65)

O conteúdo das entrevistas realizadas com Deusa aponta que o estilo educativo de D. Rosalina se encaixa no denominado autoritário. O seu nível de controle sobre os filhos era muito alto, restritivo e impositivo. Como já salientando anteriormente, os castigos físicos, ameaças e proibições eram recursos utilizados diante das transgressões das normas.

É fulcral salientar que a perspectiva ecológico-sistêmica possibilita a compreensão interpretativa da relação entre sujeito que educa e ambiente no qual está inserido. Deste modo, podemos assegurar que D. Rosalina através da interação com o contexto sociocultural no qual estava imersa construiu seus valores, metas e estratégias educativas.

De acordo com a literatura e pesquisas empíricas sobre socialização infantil, a realidade social, política, econômica e cultural

influencia a maneira como as pessoas hierarquizam os valores para educar um filho. Acredita-se, da mesma maneira, que existe uma relação entre os valores educativos e classes sociais (BEM; WAGNER, 2006, p. 67).

Segundo Bem e Wagner (2006, p. 67),

Além das pesquisas que relacionam os valores e metas educativas com variáveis socioeconômico-culturais, também se tem tentado identificar em que medida estas variáveis estão relacionadas com a escolha das estratégias educativas.

Os dados de uma pesquisa discutidos por Ceballos e Rodrigo (1998) revelam que

os pais e mães de nível médio e alto fazem mais uso de estratégias indutivas; já os pais e mães de nível baixo utilizam mais sistematicamente estratégias baseadas na afirmação de poder, que supõem o uso de castigos físicos, ameaças e uso de técnicas coercitivas. (BEM; WAGNER, 2006, p. 67)

Todavia, é preciso ponderar tal afirmação para não cair no erro de supor que somente

as famílias de níveis sociais mais populares agredem fisicamente seus filhos, por exemplo, como se isso não ocorresse em outras camadas sociais. Sabemos que as agressões também ocorrem nos níveis socioeconômicos mais elevados, porém estão mais encobertas, mais veladas, e muitas vezes dão-se em forma de pressão psicológica, a qual não é visível fisicamente, a olho nu. (BEM; WAGNER, 2006, p. 68)

Em suma, o que queremos salientar é que os valores e as metas que D. Rosalina perseguia e almejava para seus filhos, bem como, as estratégias que ela utilizou para

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

difundir tais valores e metas se erigiu sobre marcos de referência preexistentes na cultura e sociedade na qual ela vivia e nos grupos de partilha social aos quais pertencia. Isso evidencia que a inter-relação entre práticas educativas e contexto é irrefutável.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ângela Mendes et al. **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Sexo e envelhecimento. *In*: PEIXOTO, Clarice Ehlers (Org.). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BEM, L. A., WAGNER, A. **Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico**. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 1, p. 63-71, jan./abr. 2006

BAUMRIND, D. **The influence of parenting style on adolescent competence and substance use**. *Journal of Early Adolescence*, 1991.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HERNANDÉZ, M. D. G., RODRÍGUEZ, G. R., & ZAMORA, A. L.. La construcción de valores em la família. In M. J. Rodrigo & J. Palácios (Eds.), **Familia y desarrollo humano**. (pp. 201-221). Madrid: Alianza editorial, 1988.

LEE, Rita. Ovelha negra. Intérprete: Rita Lee. *In*: LEE, Rita; TUTTI-FRUTTI. **Fruto proibido**. São Paulo: Som Livre, 1975. 1 disco, faixa 4.

MACCOBY, E. & MARTIN, J.. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington (Ed.), P. H. Mussen (Org. Série), **Handbook of child psychology** (Vol. 4: Socialization, personality, and social development, (4<sup>a</sup> ed., pp. 1-101). New York: Wiley, 1983.

PARKE, R., & BURIEL, R. Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In W. Damon, M. Lerner (Series Eds.), & N. Eisenberg (Vol. Ed.). **Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional, and personality development**, 2006.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do corpo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANCHEZ, F. J. B.; PARRA, H. Z. M.; MELO, J. L. Olho no olho: repressão, solidariedade e comunicação. *In*: MARTINS, José de Souza (Org.). **Vergonha e decoro na vida da metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999,

SMITH, T. E. **The case for parental transmission of educational goals: the importance of accurate offspring perceptions**. *Journal of Marriage and the Family*, 1982.